

Emma Wildes

Sedução nas Terras Altas

Tradução
Carla Melo

 Planeta

Livro primeiro

A sedução de Ian

Prólogo

Era uma noite quente e abafada, a Lua brilhava e os cavalos lançavam-se para diante a uma velocidade estonteante.

– Raios – repetiu Ian McCray em voz baixa pela centésima vez. Raios e coriscos mais o fogo dos infernos... agora era esta a sua luta, a sua missão.

Olho por olho...

Felizmente, os membros do seu clã dominavam a arte de cavalgar em incursões como aquela, sob um luar intenso como o que os iluminava então. Apesar do calor inusitado, Ian tremia de expectativa enquanto atravessavam a fronteira.

Seria melhor se levassem a rapariga sem enfrentarem resistência.

No entanto, estava desejoso de confronto. O termo sede de sangue ganhara todo um novo significado na sua vida.

Biltre inglês. *Ele* haveria de pagá-las.

Se julgava que um McCray não reagiria, o *sassenach*¹ bem que se enganava.

¹ O termo, que tem origem na palavra gaélica para «saxão», refere-se aos ingleses, *lowlanders*, por oposição aos escoceses das terras altas – *highlanders*. (N. da T.)

Capítulo 1

Os intrusos entraram pela janela, apesar da altura a que se encontrava, bem acima das águas do lago. Sem entender, ao início, o que se passava, Leanna Arlington pestanejou, apercebendo-se com um sobresalto de que o seu quarto se enchia de figuras escuras e de que o que na verdade a tinha acordado era uma mão enluvada a pressionar-lhe a boca.

– Não. – A ordem foi resoluta, concisa.

E ela compreendeu, pois algo naquele aviso masculino lhe dizia que o homem debruçado sobre si na penumbra falava muito a sério. De olhos arregalados, obedeceu, contendo a vontade de gritar, sentindo o coração a acelerar, o corpo rígido sob o fino lençol. Fazia muito calor e estava a usar a camisa de dormir mais diáfana, o que lhe parecia lógico ao preparar-se para dormir, mas que agora revelava não ter sido a melhor das opções, sobretudo quando o lençol que lhe cobria o corpo lhe foi arrancado antes de ser levantada e amarrada sem qualquer cerimónia. Puxaram-lhe os braços para trás das costas, aquela mão não lhe libertava a boca e ela sentiu amarras apertadas à volta dos pulsos e tornozelos, vários homens a operar em simultâneo. Enfiaram-lhe um pedaço de tecido na boca e prenderam-lho com uma tira à volta da cabeça.

Para seu horror, o homem alto que a acordara passou-a por cima do ombro e encaminhou-se de novo para a janela. Lá fora, umas quantas estrelas cintilavam no céu escuro como veludo.

Que o Senhor a ajudasse, a água estava a dezenas de metros. O coração, já a latejar-lhe contra as costelas, começou a doer-lhe, levando-a a debater-se pela primeira vez, gemendo através da mordança.

– Nada de barulho, senhora. – As palavras dele pareciam letalmente suaves. – Descontraia, não a deixarei cair.

Descontrair... bem, sim, isso é mesmo fácil nestas circunstâncias, pensou em histeria, quase com vontade de rir. Quando ele a fez passar o para-peito, viu que tinham entrado numa espécie de cesto – largo o suficiente para os dois – que, de súbito, iniciou uma descida cheia de solavancos mas constante, sustido por um sistema de cordas e roldanas. Por todo o lado havia homens a deslizar por cordas, como sombras fugazes numa operação furtiva e bem executada.

Quando o barão Frankton desse pelo seu desaparecimento, ficaria lívido.

Quase a chegarem ao lago, Leanna viu um imenso esquife à espera, sem dúvida o que fora usado para cruzar as águas. Tiraram-na do cesto, passando-a para um canto do barco como se fosse uma braçada de lenha e, com uma precisão impressionante, os raptos impulsionaram a embarcação para diante. O sinistro silêncio nocturno correspondia à eficácia dos seus captos. Cooperando, as nuvens obscureceram o luar, o que tornou o ar estival abafado e ainda mais opressivo.

A dar pelo oscilar da embarcação tosca e a ver o refulgir de armas de fogo e de espadas nas mãos dos homens à sua volta, Leanna contou em silêncio quantos eram os embarcados, detectando pelo menos quinze no seu campo de visão. Porém, ao atingirem a outra margem do lago, horas depois segundo lhe parecia, observou, com um espanto aterrorizado, um batalhão de cavalos e homens à espera; seriam uns cem, ou mais.

O que teria acontecido, perguntava-se estupefacta, para precipitar um rapto de tal forma engendrado e bem planeado?

– Trouxeram-na? – perguntou uma voz entre as tropas reunidas. Um homem, grande e corpulento, instigou o cavalo a dar um passo em frente.

– Sem problemas?

– O estúpido *sassenach* dormia como se estivesse morto. Não houve problemas.

O barco tocou em terra e abanou. Desconfortável, perplexa, Leanna inclinou a cabeça, esforçando-se para ver sob a luz ténue, atenta à actividade que se seguiu. O homem corpulento quis saber:

– Pois, bem, e o que se diz é verdade? Ela vale a pena?

O homem alto – o que a tinha feito passar pela janela – respondeu:

– Como hei-de saber? Estava escuro e mal vi a rapariga. Mas de qualquer maneira, às escuras são todas iguais, não são?

– Não digas isso em frente à minha mulher. – Isso provocou uma risada rude, logo abafada. – Venham, ainda temos uma cavalgada pela frente. Trá-la, Ian.



Ian tentava ignorar os olhos suplicantes da rapariga que levava nos braços, o rio dos seus cabelos soltos e claros que lhe fluía para o peito e para o rosto enquanto cavalgavam, caracóis como seda a roçarem-lhe nas faces. Presa e amordaçada, não poderia estar confortável e o peso leve do corpo dela encostado ao seu suscitava-lhe uma reacção física previsível. Na verdade, tinha o membro rígido dentro das bragas, pois a sensação do traseiro arredondado dela pressionado contra a sua pélvis invocava uma reacção sexual que o deixava a remexer-se na sela.

Ela era a noiva do seu inimigo mais detestado, recordava Ian a si mesmo. Prometida a um homem sem honra e desprovido de qualquer fibra ou código moral. Esquecendo a beleza, agora não passava de um instrumento de vingança, que tencionava usar como tal.

Não obstante, reconhecia com causticidade, apesar do calor da noite, teria sido melhor se a tivesse envolvido num manto ou num cobertor antes de a levar consigo a cavalgar pelo campo. Assim sendo, ela estava a usar apenas uma camisa de dormir fina. Na verdade, com o luar, ele não via apenas o medo nos seus grandes olhos escuros, mas também a protuberância tentadora dos mamilos através do tecido translúcido, a redondez dos seios, a curva graciosa da garganta e a palidez perfeita da pele. A velocidade fazia que as saias diáfanas lhe subissem até aos joelhos, revelando-lhe os tornozelos esguios e bem delineados, amarrados com uma corda resistente.

Não admirava que o lascivo Frankton a quisesse. Com o cabelo longo e louro e as feições delicadas, era extraordinária. Ian interrogava-se que género de predomínio o barão teria sobre o pai dela para o levar a prometer a mais bela mulher do Norte de Inglaterra a um biltre tão implacável e sedento de poder. Havia várias versões, mas quase todas insinuavam que Frankton não fizera nada menos do que comprar a sua futura noiva.

Avançavam, com o barulho de mais de uma centena de cavalos a ocupar a estrada; a comitiva não pararia até se assegurar de que havia quilómetros suficientes entre si e qualquer tentativa de resgate. Aproximando-se a trote de uma clareira junto a um riacho, Ian deteve o seu cavalo e disse aos homens:

– Dêem alguns minutos de descanso às montadas. Não vamos acampar até estarmos em terreno escocês, mas julgo que já será seguro fazer uma pausa.

Deslizou para o chão, levou a rapariga até um tronco caído ao lado do riacho, sentou-a nele e agachou-se para lhe fitar os olhos. Com uma sinceridade letal, disse-lhe:

– Se lhe tirar a mordaca, não vai gritar, não vai implorar nem chorar, ou provocar algum problema que seja. Eu já estou furioso, cansado e esfomeado. Não durmo há dois dias, nem tomei mais do que um gole de uísque. Por esta altura, a minha paciência é coisa que nem sequer existe. Não me teste, menina, compreende?

A rapariga conseguiu acenar com a cabeça, baixando um tudo-nada as pestanas densas.

Assim, ele levou-lhe a mão atrás da cabeça e desfez o nó da mordaca, tirando-lhe o pano da boca. O peito dela estremeceu enquanto respirava fundo, com os seios a erguerem-se bem alto por ter as mãos presas atrás das costas, tremelicando numa exibição provocante.

– Obrigada – sussurrou ela.

– Imagino que queira beber um pouco de água. – Ian desviou o olhar do contorno daquelas curvas cheias que o tecido fino mal ocultava e foi buscar uma caneca ao alforje, enchendo-a no riacho fresco e levando-a até ao tronco onde ela estava sentada. – Vou soltá-la, mas se me irritar seja de que maneira for, será atada como uma galinha e fará assim o resto da viagem.

– Compreendo. – A sua voz era submissa, mas o olhar mantinha-se franco.

Desamarrando-lhe primeiro os tornozelos, não pôde deixar de reparar que os pés dela eram muito elegantes e femininos e que a sua pele suave estava quente. Libertou-lhe as mãos, fazendo as cordas deslizar pelos pulsos frágeis antes de lhe entregar a caneca. Ela bebeu com uma sede óbvia que o fez sentir um pouco culpado pelo tratamento menos do que compassivo que estava a dar a uma criatura tão encantadora e delicada. Esmagou essa sensação indesejada com facilidade, pensando no tio, já enfermo e a sofrer de gota, trancado nalgum monte rochoso esqualido que passava por ser uma prisão inglesa. O tio Thomas deveria saber que era má ideia meter-se em negócios com quem quer que vivesse em terras inglesas, pois os vermes não eram dignos de confiança. Caso houvesse sido consultado, Ian tê-lo-ia alertado a respeito do desprezível barão.

– Que o Frankton arda no inferno – disse em voz alta, enquanto fitava a figura graciosa dela.

O nome do barão fê-la levantar a cabeça, com a caneca suspensa nos dedos e os olhos escuros e arregalados.

– Pode agradecer ao seu futuro esposo esta sua estada na Escócia, minha linda cativa – disse-lhe ele com um sorriso seco. – O hábito que ele tem de prender gente por acusações ridículas para se apoderar das suas propriedades já é há muito uma pedra no meu sapato, mas até agora nada fiz, pois tem-me deixado, e aos meus, em paz. Sabia que o seu prometido suborna agentes e alega existência de fraudes com frequência? Há fraudes em todos os casos que ele arrasta para o tribunal, ele esquece-se de referir que é da parte dele. Como coage os magistrados e é o primeiro a atacar, as vítimas costumam ser apanhadas de surpresa.

Ela abanou a cabeça, fazendo o cabelo dourado roçar-lhe os ombros.

– Receio bem que ele tenha ultrapassado o limite que eu tolero, pelo que já não poderei ignorar a sua desonestidade venal. É um facto – acrescentou com sinceridade –, que não me lembro de alguma vez ter ficado tão... irritado.

Ele não sabia ao certo se ela estava a obedecer ao aviso que lhe fizera quanto a permanecer calada ou horrorizada por se inteirar das

actividades imorais do noivo, mas a verdade era que ela nada dizia. Ian indicou-lhe:

– Pode levantar-se e esticar um pouco as pernas, menina, mas não saia daqui.

Ao virar-se e regressar para o círculo de cavalos e homens, viu que não era o único a ter reparado nos encantos consideráveis da convidada. A maioria fitava-a desavergonhadamente e, quando se levantou e o luar fluiu pela camisa de dormir cintilante e quase transparente, ele até ouviu alguns a gemer.

– Aquilo – disse uma voz divertida a seu lado – é que é uma rapariga jeitosa, rapaz.

Com um olhar de relance para o seu amigo Angus, Ian arqueou uma sobrancelha enquanto tirava um odre do alforje.

– Pois, espero bem que sim, tendo em conta o trabalho a que nos demos para a sequestrar. Quem me dera estar lá quando aquele biltre ganancioso e lúbrico vir que a sua noiva atraente já não está trancada na torre, à espera do dia do casamento, mas que se encontra antes a desfrutar de uma estada prolongada no meu castelo.

– Há-de ficar lívido. – Parecendo encantado com essa perspectiva, Angus soltou uma risada. – Bom, deixa-me beber um trago enquanto imagino isso. Que maravilha, frustrar o rato inglês. Quando lhe enviarmos as condições de resgate, a exigir que as acusações sejam anuladas?

Ian passou o odre depois de um gole longo, limpando a boca e estreitando os olhos.

– Mudei de ideias. Vou ter de pensar melhor. Ele é capaz de aceitar, levar a rapariga e depois alegar coacção em tribunal e tornar a apresentar queixa, o biltre traçoeiro. Qualquer outra pessoa honraria o acordado, mas como ele não tem honra... precisa de morrer, na verdade. Mesmo estando tão longe, já fez demasiado para continuar a ser tolerado.

Angus arqueou as sobrancelhas lanudas.

– Então por que não te limitas a persegui-lo e a matá-lo, rapaz? Trouxemos a rapariga para nada.

– Não. – A olhar para onde ela se encontrava, como uma promessa fantasmagórica do paraíso, toda feita de curvas quentes e beleza atraente, Ian comentou em voz baixa: – O rapto dela serve um propósito duplo.

O primeiro, claro está, é que não teremos de o perseguir. Ele virá ao meu encontro para recuperar o seu prémio.

– E o segundo? – perguntou-lhe Angus antes de tomar outro trago, com os olhos pretos a rebrilhar de interesse.

O sorriso que Ian esboçou foi sombrio e perigoso:

– O segundo é que, quando ele se der conta de onde ela está, e de quem a tem, poderá torturar-se a imaginar-me no meio daquelas pernas encantadoras, a possuí-la sempre que quiser, a deleitar-me com aquele corpo maravilhoso.

Angus riu com gosto, dando-lhe uma palmada no ombro com tamanha força que Ian quase fez um esgar.

– Excelente, meu amigo, excelente. Nunca conheci uma mulher capaz de resistir à tua linda cara.

– Não é à minha cara – redarguiu Ian secamente – que elas não resistem.